

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 Fevereiro 2015**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Verbo, 2004, pp 19-38.

*Noi non sappiamo chi era
La mente torna*

Glória

O trabalho de hoje tem como tema o segundo capítulo de *Porquê a Igreja*, no qual *don Giussani* parte da sua constante preocupação metodológica, porque está profundamente consciente que, se errarmos o método, não conseguiremos compreender. E se isto é sempre decisivo, com maior razão o é em relação às questões mais urgentes do viver como aquelas que estamos a enfrentar: «”Como é possível, hoje, chegar a uma avaliação objectiva sobre Cristo e adequada à importância da adesão que pretende?” [como posso eu chegar à certeza sobre Cristo?]. O que equivale a dizer: “Com que método tenho a possibilidade de ser razoável na adesão à proposta cristã?”» (p.19). Todos nos damos conta da urgência duma questão deste calibre. Qual de nós não deseja chegar a esta certeza? Surpreendemos em nós o quão desejável é ter esta certeza quando a vemos realizar-se em alguém. Como desejaríamos tê-la nós também! Mas damo-nos verdadeiramente conta da necessidade desta certeza quando a vida aperta e sentimos toda a necessidade de nos apoiarmos nalguma coisa que seja segura para não sermos esmagados ou arrastados pelas várias circunstâncias. Por isso o objectivo deste segundo capítulo é responder a esta questão existencial. Mas existe um risco. Qual? O de ler este capítulo como uma grande lição sobre três filões da história cultural do Ocidente (racionalista, protestante e ortodoxo-católico) com a qual podemos aprender alguma coisa, como um tipo de conhecimento que também é útil, mas que não é capaz de resolver a questão se eu posso chegar à certeza sobre Cristo. E como é uma leitura apaixonante, pode distrair-nos do objectivo. Mas se o considerarmos assim – *don Giussani* alerta-nos logo – o capítulo não será capaz de contribuir para responder à necessidade de certeza que nós temos. Acrescentar alguns conhecimentos culturais não basta para responder à nossa necessidade de certeza. Isto é tão verdade que não basta conhecer as três atitudes de que fala *don Giussani* e descrevê-las para que o problema se resolva. É preciso portanto que cada um se pergunte – façamos a verificação! – se, trabalhando sobre este capítulo, chegou a alguma certeza maior sobre Cristo. Esta é a verificação de que estamos a fazer bem a Escola de Comunidade, porque acrescentar alguns conhecimentos seria inútil; já temos o suficiente para podermos viver sem eles. Seria apenas necessário que cada um se perguntasse, antes de se deitar hoje à noite: que certezas a mais eu alcancei trabalhando sobre este capítulo? Para nos ajudar, *don Giussani* diz-nos que estas três atitudes não são apenas três episódios da história cultural, mas são também «as pregas ocultas que a história da consciência do homem assumiu perante o problema que estamos a tratar [...] [que podem] indicar três modalidades que podem ser [também] nossas». Como consequência, a verdadeira questão – existencialmente falando – é como podemos surpreender em nós estas três atitudes. E que ajuda prática, concreta, nos dá *don Giussani*, para que possamos surpreender em nós estas atitudes? Não nos faz fazer – não valeria de nada – uma introspecção ou uma análise psicológica. Não! Porque as atitudes se tornam patentes «na maneira de enfrentar», diz a Escola de Comunidade, «as mais diversas circunstâncias da nossa vida». É ali, enfrentando as circunstâncias da nossa vida, que emerge diante dos nossos olhos, na nossa consciência, se temos ou não certeza de Cristo. As circunstâncias podem ser de vários tipos, «desde um encontro desejado à contemplação de um céu estrelado!» (pág.20), desde os factos terroristas a um acontecimento imprevisto.

Vou contar um facto simples.

Simple mas significativo

Doía-me muito um dente. Estive mal durante todo um fim-de-semana. Fui ao dentista. Com dois alicates gigantes extraiu-me o dente. Já há muito tempo que não sentia um medo assim. Senti muito medo na marquesa do dentista. Quando saí pensei no meu medo, na minha fragilidade e em todos os meus medos. Na última Escola de Comunidade tu falavas do medo. Eu que, quando tinha vinte anos, sentia-me com uma força de leão e não tinha medo de nada agora tenho medo de tudo (a saúde, os filhos, etc...). Por que razão ao crescer não me fui fortalecendo e, pelo contrário, fui enfraquecendo? Por que razão me descubro assim tão frágil? E, no entanto, todos os meus desejos de estudante universitária foram respondidos: um marido, um trabalho, uma casa, uma família com quem posso rezar antes das refeições. Descubro-me cada vez mais perdida e frágil, como na marquesa do dentista, diante de uma série de circunstâncias, desde o meu trabalho e do meu marido (que não é tão seguro quanto gostaríamos) até aos factos que acontecem no mundo, que se ficam por um comentário na internet. Então, ao fazer a Escola de Comunidade, ao fim do primeiro parágrafo perguntei-me: Onde está a armadilha? O que faz com que eu reduza Jesus a um facto histórico do passado?

Tendo em consideração a situação caricata dos dentes tu perguntas-te: como é que é possível que uma pessoa possa estar sempre mais esgotada e sempre mais desorientada? Não é que a vida te trate sempre mal, por vezes os nossos desejos são cumpridos. Mas isto não basta. Então, como é que reconheço qual é a minha atitude? Do facto de que Cristo não é capaz de eliminar esta desorientação, este medo. Tu estás aqui, mas tantas vezes para nós diante dos desafios da vida, de facto, Cristo é como um fenómeno do passado, que tu conheces lindamente, que podes até documentar, sobre o qual até podes fazer uma lição, mas não está realmente presente. Por vezes confundimos a realização dos nossos desejos com a certeza em relação a Cristo, e não é assim, podemos até ter os nossos desejos realizados mas isto não nos dá aquela consistência de que temos necessidade para enfrentar os desafios da vida, e quando os temos diante de nós, vem ao de cima a nossa desorientação, e esta desorientação o que é que indica? Que existe uma modalidade de entrar em relação com as circunstâncias que é racionalista. «A atitude racionalista», diz *don Giussani*: «pode ser a de qualquer um de nós». Porque «trabalha [para lá das intenções] sobre a hipótese da ausência» (p. 25). De facto, diante das circunstâncias eu vivo de uma ausência. Em que é que isso se vê? No facto de que quando descrevo a realidade, não falo de uma presença de tal forma determinante do viver que muda a minha percepção da realidade. Então, perguntamos, onde está a armadilha? Pois nós pertencemos ao Movimento, estamos aqui lealmente! Não é que nós não estejamos, não é que nós somos invisíveis, não é que não O vejamos agir. Onde está então a armadilha? No facto de que não basta este estar, se depois não fazemos a estrada que nos permite alcançar cada vez mais a certeza sobre Cristo. Porque podemos contar-nos episódios, podemos contar-nos factos – somos óptimos a contá-los – mas, como diz a Escola de Comunidade, Deus é como que remetido para um local distante ao qual o esforço do homem tenta chegar mas não consegue, em vez de O perceber como Alguém que está ao seu lado agora. Não é que o faça conscientemente, mas de facto vivo o acontecimento de Cristo como uma coisa do passado, como uma coisa longínqua que não determina o presente. Este é o ponto: eu estou diante de uma ausência, que precisamente por esta razão não é capaz de determinar o presente.

Há cerca de 15 dias, como presente de Natal, organizei para a minha família, os meus sogros, os meus pais, umas belíssimas férias num hotel na montanha, todos a fazer skir, entre sopas e descanso. A ideia inicial era a de organizar uma coisa bonita e também para que eu pudesse começar a esquiar, eventualmente os avós ocupar-se-iam dos mais pequenos...

Já tinhas distribuído as tarefas por cada um!

Depois tendo em conta tudo e também outras situações, disse: «Vão vocês esquiar, eu fico com os meus pais e com as crianças mais pequenas». No dia seguinte vejo todos partirem para irem esquiar, é como teres levado todos ao estádio mas tu ficas de fora.

Estava ali eu com os meus dois filhos mais pequenos, os meus pais... Tinha organizado tudo, preparado tudo, mas à noite estava irritadíssimo. Tinha feito uma coisa bonita, estava num sítio lindo, estava com a minha família, mas estava mesmo irritado. Depois de ter deitado as crianças no final do segundo dia não conseguia adormecer, fui para a sala e não consegui adormecer antes das três da manhã. Comecei, então, a fazer uma série de raciocínios, pelos quais começava a tornar-se evidente que Cristo não estava, ou antes, não O via, não percebia, e pensava: mas eu encontrei-O, sei tudo, mas neste preciso momento não tem nada a ver. Depois as férias terminaram, Graças a Deus! Voltados a casa a minha mulher diz-me: «Mas porque é que estás irritado? Vê-se que estás irritado»; e diz-me: «O que é que eu te fiz?». Eu olho-a e digo-lhe: «Nada, foste esquiar». Mas a minha mulher continuava a insistir: «Deves dizer-me!». Resumindo, passado pouco tempo disse-lhe: «Olha, o problema é que eu tenho necessidade que o facto de Cristo seja para mim uma coisa determinante na vida e falta-me de tal forma que é a única coisa que desejo verdadeiramente. Eu quero ser determinado por este facto; desejo isto», e, olhando, para a minha mulher – era o mesmo rosto do dia anterior – disse-lhe: «Tenho necessidade de ser amado». É como se tivesse procurado um fogo-de-artifício, aliás, tinha organizado o fogo-de-artifício, mas não me dava conta, melhor, muitas vezes não me dou conta daquilo que está, nem se quer do rosto da minha mulher e dos meus filhos.

Como é que se chama esta atitude, quando não me dou conta daquilo que está? Racionalismo: não vejo a realidade como ela é. Posso tê-la à minha frente, mas estou irritadíssimo mesmo numa situação como aquela que foi descrita, não é que tenha acontecido uma desgraça, não, tudo tinha sido pensado, preparado, querido, o fogo-de-artifício perfeito tinha sido pensado para se poder desfrutar à grande e à francesa. E então?

Nestes meses ir atrás do que aconteceu, daquilo que nos dizemos, daquilo que vemos à nossa volta – dando-me mais ou menos conta – fez nascer em mim um fervilhar, um desejo de estar na linha da frente, enquanto que no trabalho que faço me parecia estar um bocado na retaguarda. Esta impressão aumentou nestes meses, até pelo que tenho visto, por exemplo no encontro com alguns amigos nossos missionários. A certa altura, há quinze dias, fizemos um jantar com o meu grupo de Fraternidade e disse-lhes isto, contando que ir ter com o Papa em Roma era mesmo para ouvir o que ele nos ia dizer e como isso podia ser uma resposta a este desejo. O jantar acabou assim. No dia seguinte chega a mensagem de uma amiga, que me fazia notar que na noite anterior tinha sido absolutamente injusto e que não me dava conta daquilo que estava a fazer e daquilo que acontecia – além do mais ela trabalha comigo – e que ela não estava na segunda linha. Encontrei-a e disse-lhe: “Falemos disto”. E impressionou-me porque o que eu tinha dito, a minha maneira de não olhar, ou melhor de não ver o que se estava a fazer e que tinha diante dos olhos, tinha-a ferido de tal modo que a sua paixão, a sua maneira de olhar, a sua maneira de me chamar à realidade arrastou-me para ver aquilo que eu já não via. Impressionou-me isto porque ao trabalhar sobre o olhar ortodoxo-católico, eu percebi muito bem que se não há alguma coisa que me arrasta para voltar a olhar Cristo, tudo para mim se mantém verdade, mas afasta-se para o passado. De facto vivia de uma alternativa, ou pelo menos alimentava em mim a possibilidade de uma alternativa que talvez fosse um pouco melhor que a realidade verdadeira. Ou então era arrastado pelos meus sentimentos, pelo meu «como teria sido belo fazer isto» que me emocionava mais. Impressionou-me muito que pelo contrário, fui posto diante da realidade e renasceu também a resposta ao Senhor: eu estou diante do que me pedes para fazer porque Tu estás. E dei-me conta que isto foi aquilo que aconteceu com aquilo que tu escreveste e disseste durante todo o ano (Exercícios da Fraternidade, destacável sobre as eleições europeias, artigo de Natal, carta sobre a peregrinação a Roma, artigo sobre os factos de Paris): a tua maneira de olhar voltou a arrastar-me todas as vezes para dentro da realidade, até ver aquilo que não via.

E o que é que isso demonstra? Porque aqui está toda a questão: se Cristo é um facto presente que me torna possível olhar a realidade; senão eu decaio num olhar reduzido da realidade. Mas a questão é que todos estamos imersos num lugar, não é que desapareça tudo e nos tornemos

espiritualistas e intimistas – como dizem alguns –, todos estamos circundados pela realidade de uma companhia. E no entanto, esta companhia não determina a nossa maneira de estar na realidade, a ponto de tirar o medo, de arrancar o esquecimento e de nos acompanhar quando as coisas não correm como se tinha pensado. Se não consigo ver sequer o que está a acontecer diante dos meus olhos, onde está a armadilha? Não foi a realidade que desapareceu, tanto assim que um instante depois não te tornas um visionário mas recomeças simplesmente a ver aquilo que existe introduzido por uma pessoa.

É assim.

Mas se a Presença não é acolhida na minha vida a ponto de determinar a minha atitude em relação à realidade, reduzo-a a um facto do passado ou a um fenómeno sentimental, espiritual ou intimístico, protestante (ainda que o “sinta” não determina o modo de estar na realidade). Aquilo que verdadeiramente é decisivo para alcançar a certeza sobre Cristo é vê-Lo a agir no modo com que enfrento, como diz Giussani, as circunstâncias da vida, «desde um encontro desejado até ao admirar um céu estrelado», tudo. Porque tudo acontece diante dos nossos olhos – não é que aconteça só para alguns enquanto para outros não, não é que alguns estejam fora da realidade e outros dentro, não, todos pertencemos à mesma realidade, mas se a Presença – como diz a Escola de Comunidade: «uma presença integralmente humana» – não é capaz de determinar a vida, a vida não “explode”, ou seja não se realiza. Basta que Ele chegue, como dizia por analogia a canção da Mina, e a mente volta, o coração palpita. A questão é o que é que facilita isto? Como podemos crescer cada vez mais no reconhecimento daquilo que está? Porque está e como! Veremos daqui a pouco como o último a chegar o vê, vê coisas que estão diante dos nossos olhos, mas que nós não vemos.

No segundo capítulo do Porquê a Igreja, don Giussani sublinha continuamente que o acontecimento de Cristo se revela como uma presença integralmente humana, e que só nos podemos embater n'Ele através da comunidade dos crentes, a Igreja. Até há algum tempo atrás, eu estava convencidíssima de que devia ter uma certeza sobre Cristo que superasse a consistência das pessoas, dos amigos e da comunidade, para delinear um factor comum sobre o qual pudesse construir uma certeza. Isto porque, se estou no serviço sem os amigos ou sem o namorado, se não lhes posso telefonar naquele momento, devo conseguir de qualquer forma estar no serviço com as minhas dificuldades descobrindo o que aí pode haver de bom. Tenho de apostar nos enfermeiros que ali estão, nos pacientes, nos médicos, porque não é que esteja ali alguém com um dístico a dizer “cristão” ou “celino”, estou só eu. Deve haver qualquer coisa que me faça olhar a realidade fazendo-me recomeçar com uma hipótese boa, que me apele à grandeza, apesar de não estarem concretamente aqueles rostos precisos. Dito isto, falava disto com uma amiga, que me dizia que sem partir dos amigos, das pessoas que sabe que lhe querem bem, sem voltar concretamente a elas, tem dificuldade em recomeçar. Disse para comigo mesma: bom, vejamos, vejamos se é mais verdadeiro. De facto, também eu tenho necessidade de coisas concretas, preciso de ver os amigos, de estar com o meu namorado, e não de só pensar neles. Nestas últimas semanas em que, por determinadas circunstâncias, tenho tido mais que nunca necessidade de factos concretos, dei-me conta no entanto que frequentemente tenho expectativas sobre as pessoas, como quem diz: se Cristo passa através destas pessoas, então eu espero o máximo, espero que me transmitam um bem absoluto, desejo um bem absoluto. Mas não é sempre assim. Também a pessoa que me quer bem é um homem que falha e que tem necessidade de atenção. Como pode ser então a comunidade dos crentes, para além dos limites de cada um, a presença objectiva de Cristo? Como olhar para a comunidade nem com uma bonomia de fundo (já que é a expressão de Cristo, então está tudo bem, mesmo se talvez alguém não me suporta) nem com a pretensão que responda exaustivamente à minha necessidade?

E na tua opinião como é que podemos estar seguros de que a comunidade dos crentes é a presença objectiva de Cristo? Em que é que poderias reconhecer que é Cristo? Faça-te uma pergunta talvez

mais simples: em que é que João e André puderam reconhecer Cristo no dia em que O encontraram? Podiam reconhecê-lo em alguma coisa?

Não.

Vês? Este è o ponto! Vêm? Este é o ponto: «Não»! A mulher de André podia reconhecer que o seu marido tinha encontrado Alguém objectivamente diferente?

Sim.

Giussani di-lo, como viram no vídeo em suplemento ao Corriere della Sera: «Mas, André, o que tens? Estás diferente, o que é que te aconteceu?» («*Don Luigi Giussani 1922-2005. Il pensiero, i discorsi, la fede*», suplemento mensal, *Corriere della sera*, 21 Fevereiro 2015). Jesus estava com André no momento em que este abraçava a mulher? Não. Não! Mas em que é que se podia reconhecer que André tinha encontrado uma presença objectivamente diferente de todas as outras? Que sinais pôde identificar a sua mulher? É disto que não nos damos conta. Repetimo-lo, contamos uns aos outros, mas não nos damos conta. Por isso, quando depois não temos os outros à nossa volta, pensamos estar sozinhos. Mas André estava sozinho quando estava diante da mulher? Ou era já um André diferente, todo investido, determinado pela presença de Cristo, uma presença objectiva? Sim ou sim? Só O pode reconhecer quem faz experiência disto. Porque, como vêm, tudo isto está à nossa disposição, todos o viram no vídeo, ouvimos Giussani contar-nos milhões de vezes, e também o lemos. Mas é como se André que abraça a mulher fosse só um episódio corriqueiro, que não tem a ver connosco. Não! Aquele André era todo ele, mas era todo diferente. Em que é que André podia perceber que a presença objectiva de Cristo estava com ele mesmo quando não tinha Jesus fisicamente ao seu lado? A mulher dele não precisou que Jesus estivesse ali com eles, porque tinha já percebido tudo pelo modo como André a tinha abraçado. A mesma coisa, amiga, passa através de ti quando olhas os teus doentes, e as pessoas perguntam-te: «Porque os olhas assim? Porque os trata assim? De onde nasce este olhar?». Cristo está a investir e a determinar de tal modo o teu olhar, o teu modo de ser, o teu modo de estar na realidade, que o vêm até as pedras! Então, com isto nos olhos podes responder à tua pergunta sobre a comunidade dos cristãos. Para além dos teus limites – porque tu podes continuar a ter todos os limites –, as pessoas percebem em ti um olhar sobre a realidade que não nasce de ti, que não podes dar a ti mesma, que não é o resultado duma estratégia tua. É um olhar dado, de que tu foste investida. E vê-se que Cristo é um facto presente porque determina o presente como nenhuma outra coisa, mais que todos os teus limites, mais do que a forma como te responde o doente, mais do que os estados de ânimo («não O sinto»). Não me interessa o que sentes ou não sentes, interessa-me se tu és determinada por aquela Presença. Vê-se no modo como trata a realidade, independentemente da coerência ética, do estado de ânimo, das circunstâncias, da resposta dos outros, independentemente de tudo. Uma presença original tem uma origem totalmente diferente: a presença objectiva de Cristo. Porque de outro modo este olhar diferente nem o sonharias.

Reajo àquilo que dizias e junto-me à nossa amiga que fez a primeira pergunta. O tempo passa e podemos-nos encontrar mais frágeis. Isto para mim é um ponto de escândalo, porque na minha oração ao Senhor digo: mas como é que me prometeste que eu me tornaria cada vez mais um homem, e eu dou por mim cada vez mais frágil?! Lembro-me tantas vezes do episódio dos discípulos no lago durante a tempestade: tinham-n'O ali com eles e sabiam também que Ele era a resposta, tanto é que quando vacilaram, que quando tremeram acordaram-n'O. Eu sinto-me assim, porque se não – e esclarece-me onde me engano, se é que me engano – percebo nas tuas palavras e nos reparos desta noite o risco do cristianismo ou da fé se tornarem uma espécie de assunto para super-homens. Eu, com o passar do tempo cansei-me cada vez mais dos meus amigos que tinham sempre ideias claras sobre como deveria ser a vida, e um deles – digo-o com pena – quando as dificuldades aumentaram vi-o vacilar. Porque há um aspecto que me deixava também a mim muito seguro, quando aos catorze anos encontrei o movimento; mas, olhando para mim, vejo muita ingenuidade.

A questão é se o cristianismo gera pessoas adultas ou pessoas perdidas. Se acontece a segunda coisa, então vamos todos para casa! Se Cristo não é capaz de gerar uma pessoa capaz de enfrentar a realidade, a mim o cristianismo não interessa.

Mas enfrentas a realidade quando, diante da tempestade, tu vacilas, porém há um ponto em que podes pedir...

Há um ponto em que podes pedir, claro. Mas não irias gostar que este ponto determinasse mais a realidade, de tal modo que diante da morte tu não fosses determinado só pelo medo?

Mas se quando chego ao momento da morte não tenho a presença de Cristo a quem pedir ajuda, eu não sei se aguento o impacto daquela circunstância.

Sei bem que é preciso pedir! A questão é se o cristianismo é só uma pergunta ao nível do sentido religioso, ou se já podes ser determinado por uma Presença a quem podes pedir, porque já te é familiar. Como dizia Bento XVI: quando se cai, cai-se nos braços de um outro. De qualquer forma, a questão não se clarifica discutindo, mas vivendo. Diz a Escola de Comunidade: a presença integralmente humana "implica o método do *encontro*, do embater-se com uma realidade exterior a nós próprios", mas este encontro "tem um aspecto exterior tão decisivo quanto o interior"(pag.30) Nós somos bons a descrever o exterior, mas aquilo que aconteceu com João e André investe e determina o interior. E isto gera uma criatura nova, tanto que a mulher de André o percebeu, como hoje tantos o percebem encontrando-nos. Por isso, sublinha *don* Giussani, "a atitude ortodoxa-católica concebe o anúncio cristão como o convite a uma experiência presente integralmente humana, um encontro objectivo com uma realidade humana objectiva, profundamente significativa para a interioridade do homem, que provoca um sentido e uma mudança de vida, e como tal, invasora do sujeito" (p.33). Quando nos identificamos com João e André, aquilo que Giussani descreve neles é isto: um facto objectivo que invade o sujeito; é tão verdade que depois do encontro com Jesus, André continuava a ser André, mas a mulher exclamou: "o que tens?", porque se apercebeu de alguma coisa que invadiu de tal forma a vida de André, que pode ver nele um outro, não sabe exactamente o que é que lhe aconteceu, mas pode vê-lo através do seu olhar mudado. No New York Encounter estive um importante médico, de 65 anos, que os nossos amigos conheceram, que contou ter estado à procura, durante toda a vida, de um sentido e de um significado, as vezes com um desejo de "partir a loiça toda", como se não conseguisse fechar o círculo. Passou pelo budismo, teve contactos com protestantes, etc... Vendo o vídeo dos 60 anos do Movimento (A Estrada Bela) no New York Encounter (onde nem sequer queria ir porque considerava um evento demasiado católico, que para ele significava regras e deveres), depois de 10 minutos – 10 minutos contados pelo relógio! – exclamou "É isto!". Depois nem almoçou porque queria acabar de o ver. É objectiva a presença de Cristo. É de tal modo assim que quando uma pessoa esteve à procura, 65 anos, e se depara com ela: "É isto!". E é mesmo verdade, pois já procurou os nossos amigos perto de onde vive, dizendo que não pode perder aquilo que encontrou, e descreveu o que se passou no filme como o acontecimento que mudou a sua vida e que deixou um traço duradouro que mudou a forma de pensar. Não é que este homem seja o último dos sentimentais quando fala de um acontecimento que lhe mudou a vida, que lhe deixou uma marca indelével, que lhe mudou a mentalidade e que lhe dá uma certeza como nunca teve antes – diz ele. Não é que nós sejamos espirituais e não tenhamos visto o filme, vimo-lo todos, mas o último que chega, em apenas 10 minutos vê toda a diferença que nós muitas vezes não vemos. Não é que ela não esteja lá – porque o último de quem menos se esperava reconheceu-a – nós é que não a vemos.

Ouçamos agora uma pessoa que na quarta-feira passada, junto de outras personalidades, veio à estreia do vídeo de *don* Giussani.

Projecção da video-entrevista a Piero Modiano (Tracce.it: <http://bit.ly/1DZbJmQ>), presidente de Sea-Aeroporti di Milano, por ocasião da ante-estreia do DVD «Don Luigi Giussani 1922-2005. O pensamento, os discursos, a fé».

Para quem nunca o conheceu, que é que transmite o vídeo de don Giussani?

Sim, efectivamente nunca o conheci. Conheci-o pelo livro [*Vita de Don Giussani*] e conheci-o por um grande número de pessoas que o conheceram, por isso, conheci-o um pouco, ainda que indirectamente. Fazia alguma ideia dele, mas aquilo que me impressionou é a energia da sua voz, os olhos, a expressão do rosto, quando fala, que transmite uma convicção extraordinária, e uma enorme simplicidade de linguagem, que são coisas que, provavelmente, esperava, mas vistas, vistas em pessoa dão muito mais sentido àquilo que indirectamente sabia dele; isto é, fecha-se um pouco o círculo vendo-o, ainda que num filme.

Há uma passagem, uma frase, um esboço que o tenha impressionado em especial?

Devo dizer não uma, mas a coerência de tudo aquilo que ele diz, que é uma coisa que, em minha opinião, fala à humanidade em geral: que o homem não se basta a si próprio, que não basta a si próprio o indivíduo, não basta a si própria a história, não nos bastamos a nós mesmos. E esta ideia que dentro de nós está a aspiração a qualquer coisa de outro. Bem, isto é ele: é ele nos livros, é ele nos seus amigos, é ele que fala. Isto em mim ficou.

E permanece também aquilo que basta?

Certamente, certamente! Esta é, porém, uma grande procura, que para ele é a fé. Muito emocionante [é] o facto que este grande rio que chega à sua mãe e da sua mãe a ele. Problema grande, mistério grande, a questão é que é uma fé, é uma fé que não divide. Uma coisa que apreciei muito, conhecendo na minha idade tardia *don Giussani*; depois de ter atravessado uma vida lado a lado com Comunhão e Libertação de modo muito contraditório e contrastante – com a ideia de Comunhão e Libertação integralista – descobro depois que existe uma fé que não divide, que é uma fé curiosa e que acolhe, que me parece a coisa que neste *don Giussani* último – que fala também para lá de Comunhão e Libertação – é uma mensagem moderníssima; a convicção e a fé que consegue não dividir, mas que consegue acolher; se se conseguir, resolvemos alguns dos problemas da humanidade.

* * *

Carrón. Não é que esta pessoa não tenha visto aquilo que nós vimos.

Davide Proserpi. Modiano conta aquilo que o impressionou de uma forma tão profunda e cheia de razões que cada um de nós – creio – poderia dizer o mesmo de si próprio, porque certamente a coisa que impressiona mais imediatamente revendo Giussani – e nós podemos dizer que fazemos experiência disso também em muitos momentos da nossa vida – é a comunicação de uma certeza, uma certeza de betão armado que porém não divide, pelo contrário faz surgir em ti a vontade de ser como ele, de o seguir. E esta coisa que diz Modiano, nós estamos a vê-la de muitas maneiras. Amanhã sairá o livro (*Un'attrattiva che muove*) que recolhe muitas das intervenções que foram feitas na apresentação do livro de Savorana *Vita di don Giussani* no qual surgem os muitos encontros acontecidos similares àquele que aconteceu a Modiano. Pensando em tudo isto, aquilo que impressiona é que seguramente estas coisas nascem e estão ligadas à figura de *don Giussani*, mas isto pode ser ainda um juízo superficial, porque devemos verdadeiramente perceber que coisa quer dizer para nós. Eu pergunto-me a mim próprio. Porque por muito tempo, e em qualquer caso ainda hoje se vê, pode encontrar-se provavelmente em artigos de jornal, em comentários, etc, existiu e existe a tentativa de dividir, de separar *don Giussani*, o fundador, do Movimento, como dizendo: *don Giussani* sim, CL não. Mas aquilo que se torna dia após dia mais evidente é que, à medida que se o conhece, *don Giussani* torna-se um ponto de interesse, de juízo, de curiosidade e o juízo sobre Giussani e o Movimento é invertido, como ouvimos no testemunho de Modiano que diz: «Fechou-se-me o círculo», porque o encontro, o primeiro encontro fê-lo através de pessoas do CL. O movimento com a sua vida, e também com o testemunho directo de *don Giussani* transmitido através da vida do Movimento, está a dar a conhecer cada vez mais *don Giussani* ao mundo. E aqui, na minha opinião, já se vê qualquer coisa a respeito propriamente da consciência que nós podemos ter da nossa tarefa hoje por causa daquilo que nos aconteceu; porque juízos

como aquele que acabámos de ouvir não têm a sua raiz numa espécie de moralidade nova no sentido em que – como se dizia antes – somos um pouco mais bonzinhos, que seremos sempre mais bonzinhos e seremos sempre melhores; na minha opinião este não é o problema, nós não devemos pensar que é este o problema, pelo contrário eu penso que este é mesmo um modo com o qual – nós e os outros – podemos reduzir aquilo que realmente está a acontecer na nossa história, como se tudo fosse reduzido ao problema de sermos melhores, a uma espécie de “moralidade” superior. Eu não me sinto nada identificado com isto. A mim parece-me que o problema é antes do mais a proposta do movimento, isto é, aquilo que o movimento é em si e para o mundo. A proposta do movimento – se nos ativermos àquilo que vemos e se nos dermos conta da dimensão do que está a acontecer entre nós e fora de nós, isto é, daquilo em que nós estamos a participar – é somente uma: a identificação com o carisma. Porque, que uma pessoa possa dizer ao Carrón ou a um de nós aquilo que acabámos de ouvir. «Conheci-o por um grande número de pessoas que o conheceram, por isso conheci-o um pouco, ainda que indirectamente [...] são coisas que provavelmente esperava, mas vistas, vistas em pessoa dão muito mais sentido àquilo que indirectamente sabia dele; isto é, fecha-se um pouco o círculo vendo-o», isto pôde acontecer porque através daquilo que ele encontrou pôde conhecer quem é Giussani e pode vê-lo encarnado numa realidade humana. O ponto é que esta coisa tão convincente se torne um factor normal, ordinário dentro da vida; ordinário, mas que na sua normalidade, exactamente por esta certeza de fé, se torna extraordinário.

Carrón: Aqui temos um exemplo claro, mesmo diante de todos, de como é que uma pessoa no presente pode alcançar uma certeza sobre *don* Giussani, mesmo nunca o tendo encontrado, porque Modiano alcançou uma certeza sobre ele através do encontro com as pessoas do movimento que conheceu na sua vida, que o levaram depois a entrar numa relação com curiosidade. E depois convidaram-no a participar na apresentação do livro *Vita di don Giussani*. E assim alcançou uma certeza sobre *don* Giussani. Agora teve disso a confirmação, mas já o tinha na sua experiência. O vídeo sobre *don* Giussani, como ele disse, “fecha o círculo”. Esta é a única possibilidade, como vimos, de alcançar no presente a certeza sobre Cristo. Agora, como foi para João e André. É experimentando uma tal experiência da vida que ficas cada vez mais fascinado. E em que é que o vêes? Na mudança que provoca em ti. Não por, acima de tudo, fazeres menos erros, mas estás diante da realidade com uma certeza, com uma capacidade de fascínio, de curiosidade, de inteligência nova do real, de consistência, que antes nem sonhavas! Por isso, a única possibilidade de alcançarmos esta certeza é estar emersos numa realidade como a do Movimento. Mas não se pode estar cá sem nos darmos conta do que está a acontecer. Nós podemos estar diante do vídeo de *don* Giussani e não perceber. Por isso, basta que depois aconteça qualquer coisa e sentimo-nos sozinhos, perdidos. Se a pertença ao Movimento não gera uma capacidade de acolher esta diversidade e de gerar uma pessoa certa, nós ficaremos cada vez mais perdidos. É isto que nós trazemos: a possibilidade de alcançar a certeza da presença objectiva de Cristo, agora.

Preparámos a exposição sobre don Giussani “Da minha vida à vossa” numa praça muito bonita. Fui lá distribuir folhetos à frente da entrada para convidar as pessoas a ir visitar a exposição. Estive lá Domingo, das duas às quatro, chovia a potes, deviam estar quatro graus. Eu imaginei: estou mesmo a ver, não está ninguém na rua, mandam-me para casa. E até estava um bocadinho contente... depois disto fui e fiquei impressionado. E já há bastante tempo que sou do Movimento, há trinta anos que distribuo panfletos. Pois sim: nunca tive uma adesão assim, nunca! Estatisticamente, três pessoas em cada dez me diziam: “Ah”, olhavam para o panfleto, viravam-se em noventa graus e entravam na exposição. A certa altura, há um que me diz – no panfleto estava escrito “Eu não quero viver inutilmente; é a minha obsessão” – “Este sou eu! Ou melhor, don Giussani é como eu”, e entrou. Era um homem de setenta anos, fiquei impressionado. E houve muitos exemplos assim. Como chovia e estava um tremendo caos, muitas vezes entregava o panfleto (todo molhado!) às pessoas que saíam da exposição. Saía, eu dava o panfleto, e eles

diziam-me: “Mas eu acabei de sair!”. Eu pensava: a desculpa do costume de quem não quer entrar! E então, para os pôr um bocadinho à prova, insistia: “E como é que foi a exposição?”. Paravam, viravam-se, olhavam-me nos olhos: “Fantástica! E sabes do que é que gostei mais? Dos miúdos que a explicavam”. “Porquê?”. “Fizeram-me vivê-la”. Algumas pessoas até me disseram: “Eu gostava de ser assim”. Uma pessoa era do Movimento, e disse-me: “Gostava que a minha pertença ao Movimento voltasse a esta frescura. O ‘chefe’ do Movimento do sítio onde eu vivo é uma pessoa que está sempre zangada, que só faz discursos. Fui-me embora, fui para a paróquia ajudar o padre, que precisa”. À parte estas histórias, a mim impressionou-me a disponibilidade daquelas pessoas, ou melhor, daquilo com que se deixavam impressionar. E no fim, eu disse a mim próprio: é verdade aquilo que nos dizemos, ou seja, que estar dentro da realidade é a verificação da fé. E dei-me mais conta daquilo que encontrei através destas pessoas. O mais bonito são aqueles miúdos que explicam a exposição! Através daqueles miúdos, como através de cada um de nós, pode chegar aos outros a graça que receberam. E as pessoas percebem-no, e não é porque sejam melhores ou porque não tenham defeitos, mas pela diferença, pela proposta, pelo olhar que trazem. Mesmo que estejam apenas a explicá-la, trazem-no dentro de si, porque a certeza de don Giussani se tornou uma certeza sua.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira dia 25 de Março às 21,30. Continuaremos a trabalhar o *Porquê a Igreja*, começando o terceiro capítulo: «Segunda premissa: a dificuldade actual em compreender o significado das palavras cristãs». É um capítulo empenhativo, por isso é preciso preparar-se, sem se amedrontar. Este capítulo tem a vantagem de nos ajudar a perceber a origem do colapso das evidências que hoje está diante de todos, como aconteceu ao longo da história dos últimos séculos. Por isso pode ser verdadeiramente decisivo para verificar em nós a origem da dificuldade em compreender o significado das palavras cristãs, porque nós estamos imersos nas dificuldades de todas. Então sugiro-vos duas perguntas: onde começou a origem deste colapso, que agora é evidente a todos, e em que é que o podemos reconhecer?

Audiência com o Papa. No dia 7 de Março, nós vamos com gratidão ao Papa, porque reconhecemos e aceitamos com simplicidade, como está escrito na carta, que “a vida de cada um de nós depende da ligação com um homem em quem a Igreja testemunha a sua perene verdade no hoje de cada momento histórico”. Aquela experiência que os outros reconhecem quando nos encontram, nós podemos vivê-la somente pela ligação com a fragilidade deste homem que se chama “Papa”. Sem esta ligação, nós nem sonhamos uma experiência como é a do movimento, e tanto é assim que se não o reconhecemos, tornamo-nos uma entre muitas interpretações do facto cristão a que fizemos antes referência, uma entre muitas. Temos que decidir. Amigos, temos que decidir! Porque a não decisão é já uma decisão de fazer um outro tipo de experiência. Quando o médico americano, depois de dez minutos de vídeo (A estrada bela, lançado por ocasião dos 60 anos de Comunhão e Libertação), reconhece: “É isto!”, ele que tinha passado do budismo ao protestantismo, aos sessenta e cinco anos, diz: “É isto!”. Di-lo porque persentiu a diferença, mas só a persentiu porque nós vivemos esta ligação com Pedro. Sem esta ligação não haveria a experiência do movimento. Por isso, vamos ao Papa Francisco. Não vamos dar um passeio a Roma, porque não temos mais nada para fazer, mas vamos pela consciência do que se joga, na nossa vida e na da nossa experiência. Por isso, ajudemo-nos a viver o encontro com o Papa já a partir da viagem de ida, até à modalidade como estaremos na praça, seguindo as indicações que nos permitirão uma ordem e uma beleza, vivendo com atenção todos os aspectos do gesto: o canto, a oração, o ouvir, tudo. Ainda é possível inscrever-se junto de cada comunidade. A audiência é também uma ocasião de dar a conhecer a experiência do movimento. Por isso, foram criadas uma página de Facebook e uma conta do Twitter, para contar como nos estamos a preparar para a audiência. O hashtag que ligará todos estes relatos e testemunhos é: #CIdalPapa.

DVD de don Giussani, realizado para os dez anos da sua morte. Como sabem, o vídeo de *don Giussani* que saiu com o *Corriere della Sera* permanecerá à venda nas papelarias até dia 21 de Março. Por estes dias, estará em distribuição uma nova edição. Convém para isto encomendar o DVD junto das papelarias.

Uma atractiva que move. Sai amanhã nas livrarias o livro *Uma atractiva que move. A proposta inexaurível da vida de don Giussani*, que recolhe as intervenções de muitas das personalidades (intelectuais, jornalistas, eclesiásticos, professores universitários e políticos) que contam a sua experiência pessoal de encontro com *don Giussani* através da leitura da vida de a *Vita di don Giussani*.

Veni Sancte Spiritus